

## A TÊNUE LINHA DE HAUGHT ENTRE A FÉ CRISTÃ E A CIÊNCIA

**André Geraldo Berezuk**

Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD

[andreberzuk@ufgd.edu.br](mailto:andreberzuk@ufgd.edu.br)

\* \* \*

HAUGHT, J. F. *Cristianismo e ciência: para uma teologia da natureza*. São Paulo: Paulinas, 2009. 292 p.

Durante muito tempo da história da humanidade, os conhecimentos acerca dos fenômenos da natureza eram considerados associados à própria explicação teológica. Não havia uma distinção entre a explicação nos moldes científicos – essa, fundamentada naquilo que pode ser provado empiricamente – e nas explanações de base mais metafísica e teológica. Todavia, com o passar dos séculos renascentistas, em especial com os trabalhos de Descartes, de Galileu e de Newton, a pré-Ciência, que consolidou a Ciência, no século XVIII, com o desenvolvimento dos postulados positivistas, separou fortemente o discurso teológico do discurso científico, rechaçando o subjetivo e promovendo incondicionalmente o que pode ser provado em experimentos.

A mente e a matéria transformaram-se em relações dialéticas para, em seguida, a mente ser desvalorizada pela matéria. No campo metafísico da mente, encontra-se também a discussão do espiritual, chegando à teologia. Desse modo, indagando sobre essa, à primeira vista, irreconciliável separação, Haught (2009), em sua obra *Cristianismo e ciência: para uma teologia da natureza*, analisa a relação entre fé e ciência, apazigua as relações entre a teologia e o meio acadêmico e critica fortemente o materialismo científico que, segundo ele, é de natureza tão dogmática quanto os mais fervorosos núcleos religiosos.

Haught, em sua obra, não somente procura indagar e criticar o materialismo científico que, de acordo com ele, não permite a inserção do metafísico, do teológico ou de qualquer outro tipo de explicação mais complexa acerca da história do universo, como procura apresentar ao leitor explicações de ordem teológica que introduzam na mente deste o pensar teológico cristão acerca de uma teologia da natureza. Desse modo, Haught faz reflexões sobre a Ciência e a Esperança Cristã, indagações sobre o Universo, a Cosmologia e o futuro do Ser Humano, colocações sobre a ação da Divina Providência, a Vida e o Espírito, chegando, por fim, a indagar sobre a questão da imortalidade.

Na linha tênue entre fé e ciência o autor reitera, em sua obra, que as relações entre o discurso teológico e o metafísico e destes com a ciência devem ser realçadas e valorizadas, desde que os princípios epistemológicos de cada lado sejam respeitados, defendendo a plausibilidade de um método de análise denominada de “explicação escalonada”. Na explicação escalonada, o objeto de estudo (que no caso, aqui, pode ser a própria natureza) pode possuir diversos níveis de explicação, respeitando e valorizando tanto as explicações científicas como as teológicas e metafísicas. Conforme o autor:

A explicação escalonada consiste, no meu entendimento, em indicar que a maioria das coisas em nossa experiência admite mais de um nível de explicação. Mesmos os fenômenos mais simples de nossa experiência envolvem uma pluralidade desses níveis, de sorte que, antes de avançar, pode ser mais adequado demonstrar como, pelo menos em princípio, pode haver algum espaço, logicamente falando, para os níveis tanto científico como teológico de compreensão dos eventos naturais (HAUGHT, 2009, p. 200).

Obviamente, para muitos, a citação acima não irá repercutir em absolutamente nada na sua epistemologia científica, pois para muitos, não há outra explicação a não ser aquela que pode ser palpada, quantificada, decomposta e reduzida em seu cerne, seguindo a metodologia da “navalha de Ockham”. O autor continua o trecho citado do seguinte modo:

O naturalismo científico, evidentemente, protestará que não há necessidade alguma de pluralismo explicativo, tendendo tipicamente, portanto, para o ‘monismo explicativo’. Em outras palavras, ele declara que, se se dispõe de uma explicação física da vida, é desnecessária uma explicação teológica. A explicação escalonada, porém, dá espaço para uma compreensão tanto teológica como científica, tanto do Espírito de Deus como dos processos naturais (HAUGHT, 2009, p. 200).

Para continuar a explicação do método que ele valoriza, ele apresenta um exemplo dado por Polkinghorne *In*: Haught (2009):

Suponha uma chaleira de água fervendo no fogão. Chega um amigo e pergunta por que está fervendo. Você pode responder que está fervendo porque as moléculas de água escapam à medida que a chaleira se aquece. É uma explicação perfeita, embora não exclua outras. Você também pode dizer que a chaleira está fervendo porque o fogo está aceso, o que também é uma excelente explicação, que, porém, não descarta outra ainda mais profunda. Você pode responder, em terceiro lugar, que a chaleira está fervendo porque você quer preparar um chá. Cada uma dessas três explicações pode ser proposta sem que nenhuma delas concorra ou exclua as demais. Cada explicação é apenas uma seleção abstrata da complexa totalidade de fatores causais envolvidos na fervura da chaleira. A tese é que uma rica compreensão de qualquer fenômeno requer que se leve em conta uma pluralidade de fatores explicativos. (HAUGHT, 2009, p. 201).

Haught também descreve o clima de pessimismo humano, tanto nas ciências como na postura social da Humanidade. Um clima de prenúncio iminente do fim, do cerco da morte e da inércia, fortalecendo a forte sensação de que toda a ideia voltada à esperança e à vida está sendo desvalorizada, desprezada. No que se refere a esse fortalecimento ontológico da morte sobre a vida, o autor revela que a sociedade, antigamente, classificava muito mais os fenômenos naturais como predominantemente vivos, ou seja, que “exalavam” vida e perpetuidade. Com o advento da ciência, todavia, o universo vivo foi desespiritualizado, fragmentado, “mutilado”, pormenorizado, “desmistificado”, elementarizado, resultando em uma inversão da predominância do dinâmico e vivo para o inerte e morto. A vida, portanto, passou da condição de *status* vigente para a condição de estado de exceção.

Em uma primeira análise, não há como não negar que, com as descobertas na cosmologia, em especial com relação à grandeza antes inimaginável do universo (que pode inclusive ser um multiverso), a concepção do universo inerte tenha ganhado a posição de *status quo* e que a vida seja muito mais rara do que imaginávamos. Entretanto, a condição psicológica humana de natureza pessimista, embasada em um universo inerte e “morto”, caminhando para um fim cósmico irreduzível, além de ser prejudicial e perigosa, é também

incerta (apesar de ser provada e confirmada pela ciência). Isso porque a ciência, mesmo com todos os seus instrumentos de análise, não conhece o universo profundamente a ponto de dizer, com a força de uma certeza eterna, as suas nuances e os seus processos. Em resumo, a ciência revela aquilo que ela pode revelar em um determinado momento histórico, podendo as teorias, daqui a séculos em anos, serem bem diferentes. Desse modo, Haught sugere uma postura mais otimista da humanidade para com a natureza e à própria Criação, postura essa que era mais semelhante a das gerações antepassadas. Sugere, portanto, um revigoramento da esperança, condição intimamente relacionada à teologia não somente cristã, mas também da grande maioria das outras religiões.

Reforçando a corajosa tendência à esperança filosófica, Haught faz menção ao pensamento teilhardiano. O autor cita as ideias teológicas e filosóficas de Teilhard de Chardin, padre e geólogo que, como poucos, conviveu entre a linha da fé e da ciência. Para Chardin, o universo ainda está em criação e a própria ciência, ao contrário do que pensam muitos cientistas, pode reforçar a teologia e as questões metafísicas. Desse modo, se o universo é constante criação e desenvolvimento, este não deve ser, preferencialmente, referenciado em relação ao seu passado, mas sempre no que se refere ao seu futuro. Como uma característica dos trabalhos do próprio Chardin, ele não nega a evolução darwiniana, nem poderia negá-la devido a sua formação de geólogo, mas se utiliza das descobertas da teoria da evolução, atribuindo a elas um sentido teológico. Todavia, o próprio Chardin foi severamente criticado por importantes nomes da ciência como Jacques Monod, Stephen Jay Gould, Daniel Dennett e G.G. Simpson, por tentar relacionar fenômenos materiais, físicos, com explicações de ordem teológica (Haught, primeiro parágrafo da página 110).

Chardin, segundo Haught, portanto, apresenta uma maneira diferente de conceber, filosoficamente, a análise da própria natureza: não a apresentando como dotada de previsibilidade e algemada a um passado que a explica a ponto de torná-la pequena e reduzida, mas sim apresentando-a em contínua mutação, não terminada, a ponto de restar ao pesquisador a opção única de olhar para o futuro. Como ela não está terminada, o seu *status quo* envolve, necessariamente, uma aura de promessa e de mistério, duas palavras que são pouco aceitáveis no vocabulário do materialismo científico.

A importância na discussão entre fé e ciência, em especial nessa fronteira delicada entre o material e o espiritual, entre o físico e o metafísico, portanto, encontra-se na tentativa de ousar pensar a natureza em sua complexidade, permitindo ao pesquisador aceitar a parcela do indeterminável, do indecifrável, do que não pode ser mensurado. Compreender a natureza tal como uma robótica combinação de fenômenos físicos é apequená-la, destituí-la de sua grandeza. E, resultantemente, novas tentativas de “ver” novos horizontes, na discussão de natureza, vai de encontro à apreciação de idéias de cunho metafísico e espiritual.

Indagar sobre a presença do metafísico no físico, ousar falar sobre a consciência, sobre os pensamentos, chegando a filosofar sobre o divino nos fenômenos naturais, ainda hoje, é uma atitude polêmica perante a concreta visão das leis, das teorias e mesmo das hipóteses científicas, mesmo porque o rigor metodológico científico desvaloriza o não quantificável, o não mensurável, o não palpável. O próprio nascimento da Ciência foi um protesto contra o que é místico, fantástico, àquilo que ultrapassa os campos do que pode ser mensurado em laboratório. Mas a Ciência não é constituída, ou não deveria ser somente constituída, pelo “inviolável” sistema do materialismo científico que o autor critica. Ironicamente, Haught, na obra, apóia a idéia de uma teologia da natureza, que surge como uma esperança e um “respiro” não somente para a própria Ciência como para a própria filosofia e para o modo de pensar humano.

Convém deixar claro que o autor não se proclama contra a ciência, mas, inclusive, valoriza-a, mesmo até a vertente filosófica daquilo que ele está criticando. Todavia, o que deve ser refletido, por sua vez, é que o reducionismo da natureza pela própria metodologia científica não fará o ser humano possuir uma compreensão mais adequada do meio natural e do universo somente por si; e que a busca pelo conhecimento do universo não pode e nunca poderá deixar de lado as questões de ordem metafísica, espiritual, teológica. A busca pela verdade, ou seja, a da correspondência da mente com *o que é*, ou, em um sentido mais abrangente, o que se busca pelo próprio desejo de conhecer (p. 251), não é direito único de uma única vertente filosófica e epistemológica, sendo a ciência uma restauradora das idéias teológicas e metafísicas, e as questões teológicas seriam, conforme o autor, “reanimadores sopros” da própria filosofia científica. Deixando-se levar por “ares mais amenos”, talvez haja espaço para o ressurgimento da esperança em um universo de conceitos voltados ao fim iminente, e ainda um lugar para uma revitalização da vida em um período de valorização do inerte e de ênfatização da morte.